

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 31/01/2026 | aceito: 02/02/2026 | publicação: 04/02/2026

Juventude, universidade e inclusão: experiências extensionistas da oficina “Criando com IA: o que ela sabe sobre nós?”

Youth, university and inclusion: outreach experiences from the workshop “Creating with AI: what does it know about us?”

Claudia Mialichi– PGMiT/FAAC/UNESP/Bauru, claudia.mialichi@unesp.br

Jaqueline Costa Castilho Moreira– PGMiT/FAAC/UNESP/Bauru e FCT/UNESP/Presidente Prudente, jaqueline.castilho@unesp.br

Resumo

Este artigo é sobre uma ação formativa ocorrida no projeto de extensão da Escola de Inverno- “Caminhos da Tecnodiversidade: Juventude, Conhecimento e Inclusão na Universidade- Unesp Experience: vivências na universidade para jovens”, promovido pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC/Unesp), em Bauru, no ano de 2025. A iniciativa, vinculada aos Programas de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMIT) e em Comunicação (PPGCOM), teve como propósito aproximar estudantes do ensino médio da vida universitária, fomentando a inclusão, a cidadania e o protagonismo juvenil por meio de práticas extensionistas interdisciplinares. O evento contou com oficinas, palestras, mostras e rodas de conversa, e recebeu mais de trezentos estudantes das redes pública e privada. Com objetivo de relatar a experiência extensionista proporcionada pela oficina “Criando com Inteligência Artificial (IA): o que ela sabe sobre nós?”, dentro do conjunto de ações formativas realizadas durante a Escola de Inverno; o artigo levanta uma discussão a respeito dos impactos educacionais e sociais de eventos como este, destacando o fortalecimento do vínculo universidade-escola e na percepção de pertencimento ao espaço universitário público; a democratização do acesso à ciência e a relevância das práticas extensionistas para a promoção da inclusão e da tecnodiversidade.

Palavras-chave: Tecnodiversidade. Escola de Inverno. Adolescentes. Pertencimento. Relato de experiência reflexiva.

Abstract

This article describes a training activity that took place within the Winter School extension project – “Paths of Technodiversity: Youth, Knowledge and Inclusion at the University – Unesp Experience: experiences at the university for young people”, promoted by the Faculty of Architecture, Arts, Communication and Design (FAAC/Unesp), in Bauru, in 2025. The initiative, linked to the Postgraduate Programs in Media and Technology (PPGMIT) and in Communication (PPGCOM), aimed to bring high school students closer to university life, fostering inclusion, citizenship and youth protagonism through interdisciplinary extension practices. The event included workshops, lectures, exhibitions and discussion groups, and received more than three hundred students from public and private schools. The objective is to report on the extension experience provided by the workshop “Creating with Artificial Intelligence (AI): what does it know about us?”, within the set of training activities carried out during the Winter School; The article raises a discussion regarding the educational and social impacts of events like this, highlighting the strengthening of the university-school link and the perception of belonging to the public university space; the democratization of access to science and the relevance of extension practices for the promotion of inclusion and technodiversity.

Keywords: Technodiversity. Winter School. Teenagers. Belonging. A reflective experience report.

1. Introdução

A extensão universitária ocupa papel estratégico na consolidação da missão social das universidades públicas brasileiras. Ao articular ensino e pesquisa com as demandas da sociedade,

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 31/01/2026 | aceito: 02/02/2026 | publicação: 04/02/2026

constitui-se como espaço de diálogo, transformação e construção coletiva do conhecimento. Nesse sentido, amplia as possibilidades de converter saberes acadêmicos em práticas concretas, tornando-se um instrumento de inclusão e cidadania.

Inspirada por essa perspectiva, a Escola de Inverno, intitulada: “Caminhos da Tecnodiversidade: Juventude, Conhecimento e Inclusão na Universidade- Unesp *Experience: vivências na universidade para jovens*”, realizada entre 25 e 27 de agosto de 2025, configurou-se como uma ação extensionista, viabilizada pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC/Unesp) em parceria com os Programas de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMIT) e Comunicação (PPGCOM), FabLab, RTVI, Relações Públicas e Design (RUIZ; SANTOS; VIOLA, 2025).

A ideia da tecnodiversidade, como princípio do evento, acompanhou a concepção de Hui (2023) sobre o termo, já que o teórico enfatiza a relevância de se reconhecer a “[...] pluralidade dos modos culturais, epistemológicos e técnicos de produção do conhecimento e da tecnologia”, conforme elucidaram Ruiz, Santos e Viola (2025, p. 13), da equipe da organização do evento.

A iniciativa teve como proposta central aproximar estudantes de ensino médio da vida universitária, com o propósito de despertar seu interesse pela ciência, pela tecnologia e pela formação superior pública. Mais de 340 jovens das redes pública e privada da cidade de Bauru- SP participaram das atividades presenciais, realizadas em diferentes linguagens digitais e práticas colaborativas. O evento possibilitou um diálogo sobre tecnodiversidade, protagonismo juvenil e inclusão social, ao promover experiências formativas, utilizando metodologias ativas e recursos tecnológicos, como gamificação e oficinas *maker*.

O objetivo do artigo é relatar a experiência extensionista proporcionada pela oficina “Criando com Inteligência Artificial (IA): o que ela sabe sobre nós?”, dentro do conjunto de ações formativas realizadas durante a Escola de Inverno FAAC/Unesp 2025, voltada a estudantes de ensino médio.

Idealizada e ministrada pela primeira autora, a oficina atendeu 58 jovens na Central de Laboratórios de Informática – CLI/FAAC/UNESP. A experiência despertou questionamentos a respeito de como uma ação extensionista, ofertada dentro de um evento universitário (intensivo e de curta duração), pode viabilizar reflexão crítica sobre os usos da IA e suas implicações éticas e, simultaneamente fomentar discussões sobre inclusão, tecnodiversidade e democratização do acesso à ciência; o que remeteu a ideia de prescrevê-la por meio de um relato de experiência reflexivo.

2.1 Extensão, juventude e tecnodiversidade: bases para uma educação inclusiva

A extensão universitária, enquanto dimensão indissociável do ensino e da pesquisa, é compreendida como um processo educativo, cultural e científico que articula saberes acadêmicos e populares. Segundo o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX, 2012), a extensão é um espaço privilegiado de interação transformadora entre a universidade e a sociedade, que visa contribuir para a democratização do conhecimento e a promoção da inclusão social.

Nessa perspectiva, Paulo Freire (1983) enfatiza que a educação deve ser compreendida como prática da liberdade, fundada no diálogo e na construção coletiva do saber. Para o autor, o conhecimento nasce do encontro entre sujeitos e contextos, o que torna a extensão universitária um terreno fértil para o exercício da consciência crítica e da autonomia dos estudantes.

O conceito de inclusão social é igualmente central nesse debate, porque todos em sua diversidade de perspectivas e opiniões colaboram nessa “construção” coletiva dos saberes. Entretanto, segundo Sassaki (2003, 2010) a inclusão é um processo complexo que ocorre dentro de campos de disputas pelo qual a sociedade vem se adaptando historicamente para acolher as diferenças (FERNANDES, 2019), garantindo a todos o direito de participação plena. No contexto universitário, a inclusão ultrapassa a dimensão física e arquitetônica. Ela envolve aspectos simbólicos e culturais, como o reconhecimento das múltiplas formas de aprender, produzir e compartilhar o conhecimento.

Colabora nesse sentido, a Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012) estabelecendo que as ações extensionistas devam fomentar a integração entre ensino, pesquisa e comunidade, e simultaneamente promover transformações sociais pautadas na equidade e na justiça. Tais ações realizadas com periodicidade ao longo de uma linha temporal, ao aproximarem a universidade de estudantes do ensino médio, cumprem papel essencial no enfrentamento das desigualdades de acesso ao ensino superior público.

A compreensão da juventude como categoria social em construção torna-se fundamental para projetar e aplicar experiências formativas de extensão; que de fato, aproximem a universidade pública e o conhecimento científico e tecnológico dos estudantes de ensino médio, em especial da rede pública, minimizando as desigualdades de acesso ao ensino superior. Segundo Dayrell (2003), ser jovem é um modo de estar no mundo, atravessado por condições históricas, culturais e econômicas. As práticas educativas que reconhecem a diversidade da juventude favorecem a construção do pertencimento e da identidade social. Abramo (2005) complementa que o reconhecimento do jovem como sujeito de direitos implica oferecer espaços de escuta e participação, condições indispensáveis

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 31/01/2026 | aceito: 02/02/2026 | publicação: 04/02/2026

para o desenvolvimento de sua autonomia e protagonismo.

No âmbito da cultura digital, surge o conceito de tecnodiversidade, que segundo Santos (2018) e Santaella (2020), refere-se à multiplicidade de formas de interação entre humanos e tecnologias, reconhecendo diferentes modos de produção de conhecimento, comunicação e expressão. Nesse sentido, concordam Santos (2018), Santaella (2020) e Hui (2023) de que a tecnodiversidade desafia modelos homogêneos e hegemônicos da cultura tecnológica, valorizando práticas inclusivas, criativas e sustentáveis. Inclusive dentro da cultura juvenil.

De acordo com Hui (2023), na atualidade tem sido imposta uma convergência e sincronização das tecnologias em termos globais, ocasionando uma uniformização em simultaneidade a ideia de homogeneidade; o que reduz a tecnologia à uma ferramenta política de dominação e poder; a qual o autor se contrapõe. Segundo ele, a unificação tecnológica não atinge as diferentes sociedades, comunidades e suas manifestações culturais da mesma maneira. Cada localidade tem suas cosmoéticas e suas práticas de tecnodiversidade, como ocorre com comunidades indígenas, quilombolas, (Oliveira, 2023) e como também pode ocorrer com tribos urbanas de adolescentes (“teens”).

A ideia de que a tecnologia não é algo único e neutro apontada em Hui (2023) já havia sido mencionada em Castells (2012), ao observar que a sociedade em rede redefine as relações entre informação, poder e cidadania. Em sua obra, Castells (2012) apresenta como a conversão de valores, significados e reivindicações, pautados em redes sociais possibilitou criar significados, articular mobilizações em diversas partes do mundo (da Islândia à Tunísia, no Egito, no mundo Árabe, na Espanha, chegando aos Estados Unidos da América) e contestar o poder em cada uma dessas regiões. Mostrando que a capacidade de pressão e influência dos movimentos sociais na contemporaneidade vai além dos condicionantes históricos, organizacionais e culturais; mas também perpassam por uma diversidade de caminhos, com impactos sociais também promovidos pelos meios tecnológicos e comunicacionais.

Diante dessa perspectiva, a educação digital crítica torna-se indispensável para que os jovens compreendam as dinâmicas midiáticas e tecnológicas, adquiram discernimento sobre os tipos de informação que circulam nos meios eletrônicos, em especial nas redes sociais e como Algoritmos; IAs Generativas; *Big Data* e Análise de Dados; "Plataformização" de Transporte e Serviços (*Uber*, *IFood* entre outros); Computação Ubíqua; *Blockchain* e Financeirização Digital; Cultura da Performance (com validação constante por likes) e Vício em Telas estão moldando o cotidiano contemporâneo. Assim, atividades extensionistas que abordam a Inteligência Artificial sob uma ótica ética e reflexiva como a oficina “Criando com IA: o que ela sabe sobre nós?”, tornam-se conteúdos formativos relevantes para o entendimento, a atualização, a segurança e a própria saúde dos jovens.

3. Material e Método

A pertinência pela escolha de relato de experiência como método de produção de conhecimento educacional (FORTUNATO, 2018), está relacionada ao objeto de estudo envolver práticas extensionistas, que despertam o questionamento a respeito de como ações formativas intensivas e de curta duração podem fomentar discussões e viabilizar reflexão crítica.

Para Moreira (2024; p.18):

O saber-fazer docente, necessário no trabalho cotidiano do professor, muitas vezes estigmatizado como uma cultura segunda, derivada de uma ciência fonte; encontra voz nos meios eletrônicos, que oportuniza a divulgação de construções pedagógicas de como ensinar, tal qual as apresentadas pelas “Oficinas”, permitindo um avanço na formação dos professores e uma minimização na dissociação “teoria-prática”.

Prescrutar o trajeto para realização de uma oficina, uma ação formativa ou de um evento educacional vai além de postular uma prescrição, ou o que se deve fazer, como se fosse uma receita. Para Fortunato (2018), em um relato como método de pesquisa educacional, é necessário discriminar o contexto, qualificar as ações sequencialmente, até finalizar a experiência.

A ausência de balizas dificulta que outros educadores percorram um trajeto similar para realização de sua ação educativa; já que não há receitas prontas na Educação, mas ideias de percurso a serem contextualizadas e avaliadas. Ademais, conhecer previamente percursos já trilhados, nos quais existem indicações de possíveis caminhos a seguir e sinais de quais são inviáveis; evita que a “roda seja inventada”, a cada planejamento e realização de uma oficina, ação formativa ou evento. Entretanto, para construir um relato reflexivo robusto sobre uma ação como as mencionadas; há necessidade de balizá-la com teóricos referenciais e com experiências educacionais similares por meio de levantamento bibliográfico, tanto antes de iniciá-la, ou seja, na confecção do planejamento da ação, como em sua análise e discussão finais.

Ante o exposto, para relatar a oficina “Criando com IA”, os materiais que embasaram a ação foram: - as observações diretas da primeira autora e da reflexão sobre suas anotações pela segunda autora. As anotações foram evidenciadas neste texto por meio da conjugação do verbo na 1ª pessoa do plural e pela aplicação de *itálico*. Foram agregados ao relato, dados públicos obtidos: - a partir dos registros produzidos pela organização do evento e - das respostas ao questionário de satisfação com a oficina, sem identificação individual dos participantes e sem risco à sua integridade. Os dados públicos encontram-se disponibilizados tanto no Relatório Final (UNESP, 2025), como na publicação realizada por Ruiz, Santos e Viola (2025).

Com abordagem qualitativa e descritiva (GIL, 2019), o texto foi estruturado com base nos tópicos evidenciados em Fortunato (2018), para se relatar uma experiência educacional e adaptados para esta oficina, sendo eles: Antecedentes; Local de realização, atividades, divulgação e público;

Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 31/01/2026 | aceito: 02/02/2026 | publicação: 04/02/2026**

Motivo; Agentes; Envolvidos; Epistemologia para a ação; Planejamento; Execução das atividades na oficina e os impactos percebidos; como detalhamento do item Resultados da oficina. Já a Discussão incorporou, o tópico que Fortunato (2018) denomina como lente teórica de análise, *sendo que neste texto optamos por acrescentar algumas reflexões.*

4. Resultados e Discussão

4.1 Resultados da oficina “Criando com IA”

- Antecedentes

A Escola de Inverno: “Caminhos da Tecnodiversidade: Juventude, Conhecimento e Inclusão na Universidade- Unesp *Experience: vivências na universidade para jovens*” de 2025 partiu do pressuposto que:

A formação crítica e emancipatória da juventude no contexto das tecnologias digitais exige a apropriação de práticas pedagógicas dialógicas, horizontalizadas e centradas no protagonismo do sujeito, conforme enfatiza Freire (1996). A extensão o assume aqui um papel estratégico como processo comunicativo transformador, capaz de superar a lógica bancária da transmissão de conhecimentos para construir saberes coletivos e contextualizados. (RUIZ, SANTOS; VIOLA, 2025, p.3).

Sua concepção pedagógica resgatou os pressupostos de Dewey (2010), teórico que valoriza a educação pela experiência e pela curiosidade científica, e que fomenta a autonomia de cada estudante, mas que ressalta a relevância da colaboração entre pares. Nessa perspectiva, a equipe organizadora da “Escola de Inverno 2025” apostou que as barreiras existentes entre o ensino básico e o ensino superior pudessem ser rompidas; já que existe uma demanda das escolas públicas e particulares de ensino básico em realizar parcerias sustentáveis com a Unesp, e no que se refere a este evento, o enfoque em disponibilizar ações de letramento digital, conforme evidenciaram Ruiz, Santos e Viola (2025).

- Local de realização, atividades, divulgação e público

O evento universitário foi realizado entre 25 e 27 de agosto de 2025, no *Campus* da Unesp de Bauru, dentro da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), nas seguintes dependências: Sala 1, laboratórios e sala COONECTA.

Além do acolhimento inicial aos estudantes foram programadas onze atividades distribuídas em três dias, de forma intensa e imersiva. Para desmistificar o ambiente acadêmico foi disponibilizada ao público externo uma visita guiada ao *Campus* e às instalações da FAAC e as seguintes atividades: duas rodas de conversa, duas mostras de audiovisuais, uma palestra e cinco oficinas temáticas, abordando temas como IA e ética digital, produção de *podcasts* e narrativas juvenis, redes sociais e desinformação, práticas *maker* e tecnologias imersivas.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 31/01/2026 | aceito: 02/02/2026 | publicação: 04/02/2026

A divulgação da Escola de Inverno 2025 articulou canais de comunicação impressos, digitais e o convite direto às escolas de Bauru, em especial as unidades públicas. Para viabilizar sua participação no evento foi feita uma parceria com essas escolas, “[...] que tiveram acesso facilitado por transporte gratuito fornecido pela universidade, reforçando ações de inclusão [...]” (RUIZ, SANTOS; VIOLA, 2025, p.4) e de sinergia entre as instituições públicas.

A edição de 2025 da Escola de Inverno: “Caminhos da Tecnodiversidade: Juventude, Conhecimento e Inclusão na Universidade- Unesp *Experience*: vivências na universidade para jovens” contou com a participação de 344 estudantes do ensino médio, 62 discentes de graduação e pós-graduação, 14 servidores técnico-administrativos e 15 docentes, segundo o relatório oficial da comissão organizadora (UNESP, 2025).

Vale destacar que de acordo com as vagas ofertadas nas atividades, as inscrições de público externo e a frequência nas ações formativas; as oficinas se destacaram como estratégias pedagógicas de aproximação e interlocução com o público adolescente, pois segundo Ruiz, Santos e Viola (2025, p.6) foram o tipo de atividade de formação com maior adesão (110%).

Com relação à oficina “Criando com IA: o que ela sabe sobre nós?”, ela ocorreu no primeiro dia da Escola de Inverno, 25 de agosto, das 10 às 12h, sendo realizada na Central de Laboratórios de Informática – CLI, certificando os participantes com duas horas de carga horária. Foi a oficina que ofereceu mais vagas (60), tendo 58 participantes inscritos, sendo que 97% destes tiveram sua frequência efetivada na atividade. Relevante trazer um dado obtido pela organização do evento (RUIZ, SANTOS; VIOLA, 2025, p.5), que reforça o destaque a esta oficina específica: o número de frequência dos inscritos em todas as atividades da Escola de Inverno, nos dias 25/08 (59%); 26/08 (100%) e 27/08 (86%). Analisando a frequência/dia o primeiro foi o que teve menor público escolar e mesmo assim a oficina “Criando com IA” teve a presença de 97% dos estudantes, que se inscreveram previamente.

• Motivo

Refletir de forma crítica sobre a Inteligência Artificial (IA) e suas implicações éticas, sociais e cognitivas é uma discussão emergente na sociedade contemporânea, especialmente ao se tratar do público adolescente. A oficina “Criando com IA” teve como propósito introduzir os jovens à compreensão da Inteligência Artificial de forma crítica e acessível, explorando o modo como algoritmos e sistemas automatizados influenciam o cotidiano. A proposta pedagógica partiu da ideia de que a IA não deve ser apenas vista como tecnologia de consumo, mas como um campo de conhecimento que pode ser compreendido, questionado e ressignificado.

Ao se tratar do tópico Motivo, Fortunato (2018, p. 43) ressalta que: “[...] em um local que não é o seu, deve-se estabelecer uma relação de confiança mútua entre os membros externos e os representantes da comunidade interna[...]”, para que os participantes possam se sentir à vontade e

Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 31/01/2026** | **aceito: 02/02/2026** | **publicação: 04/02/2026**

acolhidos para expor suas ideias, debatê-las de forma crítica, com reflexão ética e política.

Embora possa haver a indagação de que a meta apontada seja difícil de ser alcançada em duas horas com 58 estudantes adolescentes; o fato de iniciar um questionamento com eles, dentro de um ambiente acadêmico, com uso prático de IA generativa e com equipamentos digitais da universidade, acreditamos que a iniciativa seja válida, por instigar os jovens a pensar com sua própria criticidade e autonomia. É um começo.

- Agentes

A oficina foi ministrada na Central de Laboratórios de Informática da FAAC/UNESP pela primeira autora, graduada em Publicidade e Propaganda, mestranda no Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia PPGMiT/FAAC/UNESP, pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa IPTECHI - Inovações Pedagógicas, Tecnológicas e suas Histórias na Educação e na Saúde (FCT/UNESP); Pesquisadora participante no Grupo de Pesquisa GELIMA- Linguagem e Mídia Acessível. Atua como Gerente de Atendimento no Sistema Clube de Comunicação desde 2015, afiliada da TV Bandeirantes em Ribeirão Preto. Proprietária e Diretora da Circulô Mídias Publicitárias desde 2018.

Fortunato (2018, p 44) assevera que “[...] o termo agente pode estar no plural, pois mesmo o relato sendo próprio, a experiência pode ser realizada coletivamente, ou as ações podem ser debatidas com um orientador acadêmico”. Como é o caso da segunda autora, que atua como docente na Unesp e líder do Grupo de Pesquisa IPTECHI/ FCT/UNESP; com formação superior nas áreas da Comunicação Social, da Educação e da Saúde e doutorado em Educação Escolar.

- Envolvidos

Os 58 envolvidos com a oficina “Criando com IA” eram predominantemente estudantes de Ensino Médio, com faixa etária entre 15-17 anos, ambos os sexos, que participaram do evento em grandes grupos, como turmas de unidades escolares; sendo que cada um desses grupamentos participou apenas em um dos dias da Escola de Inverno 2025 (RUIZ, SANTOS; VIOLA, 2025).

- Epistemologia para a ação

A oficina foi inspirada nos princípios da educação dialógica e crítica de Paulo Freire (1983); evidenciando que o conhecimento não é transferido ou assimilado apenas por sua exposição ou memorização; mas sim, construído por meio de dinâmicas interativas, promotoras de diálogo horizontal, que no caso da oficina proposta deve ocorrer entre a ministrante da ação formativa e os participantes.

Outro pilar epistemológico importante é a atenção dada à natureza da construção do conhecimento, o qual abrange a convergência entre o saber acadêmico (teórico e científico) e o saber cotidiano; que no caso dessa proposta, relaciona-se às vivências dos jovens nas redes sociais, em

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 31/01/2026 | aceito: 02/02/2026 | publicação: 04/02/2026

games e com o uso de assistentes virtuais.

Para que este processo epistemológico flua, o ambiente físico e social da ação formativa necessita ser acolhedor, colaborativo e facilitador da escuta ativa, incentivando no coletivo e individualmente, o protagonismo dos estudantes, por meio de desafios criativos ou instigados por reflexões éticas e debates críticos. No caso da oficina “Criando com IA”, essas “provocações” podem ser levantadas por meio da abordagem por temas (usos da IA generativa, exposição e coleta de dados *on-line*, privacidade e identidade digital, criatividade e autoria humana *versus* automação, letramento digital e científico entre outros), como também podem ser fomentados por questões norteadoras como: O que a Inteligência Artificial sabe sobre nós? Como nossas informações são usadas pelas plataformas digitais? De que forma podemos desenvolver uma relação ética e consciente com as tecnologias?

Por fim, expandir a concepção de inclusão referendada em Sasaki (2010) para inclusão epistêmica, possibilita o reconhecimento, a valorização e a integração de diferentes formas de conhecimento e a aceitação de que ele somente é legítimo se for um conhecimento inclusivo.

Planejamento

O Planejamento para a realização da oficina considerou o local e o ambiente onde ela seria desenvolvida, a quantidade de pessoas e o perfil desse público, a data prevista (25/08/2025), o turno da manhã e seu tempo de duração de duas horas. As atividades planejadas foram:

- Apresentação de aplicações reais de Inteligência Artificial;
 - Experimentação Prática pelos participantes, com momentos de manuseio e teste das tecnologias;
 - Dinâmicas de criação, com a utilização de ferramentas de IA generativa pelos estudantes para criação de conteúdos;
 - Momento de reflexão coletiva, sobre os resultados gerados pelas IAs e a análise dessas devolutivas em relação ao que foi solicitado entre outros parâmetros, a identificação de padrões e discussão sobre os limites da automatização *versus* criatividade humana.
- Execução das atividades na oficina e os impactos percebidos

O desenvolvimento das ações planejadas para a oficina baseou-se na combinação entre exploração prática e debate crítico, em ambiente colaborativo. As perguntas levantadas pelos participantes evidenciaram curiosidade e engajamento, especialmente em relação à privacidade, às redes sociais e às transformações no mundo do trabalho.

A atividade despertou reflexões sobre ética digital, autoria, desinformação e identidade virtual, temáticas que dialogam com o eixo “Caminhos da Tecnodiversidade” proposto pelo evento. Muitos estudantes participantes relataram que nunca haviam discutido criticamente IA em sala de aula, o que reforçou a relevância da oficina como experiência inédita de letramento digital e científico.

A recepção da oficina foi positiva, conforme as respostas obtidas no

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 31/01/2026 | aceito: 02/02/2026 | publicação: 04/02/2026

questionário de satisfação aplicado pela organização do evento. Nele, os estudantes classificaram esta oficina como “ótima” ou “muito satisfatória”, destacando a clareza das explicações, a condução dinâmica das atividades e o espaço aberto ao diálogo.

Os resultados observados durante a execução da oficina, indicaram forte impacto formativo. Muitos participantes afirmaram ter compreendido a IA de maneira mais próxima e crítica, percebendo que é possível usá-la de forma criativa e responsável.

A oficina também contribuiu para aproximar os jovens da universidade pública, permitindo-lhes vivenciar um ambiente de pesquisa e inovação tecnológica. A ação reforçou ainda o papel social da extensão universitária como ponte entre saberes acadêmicos e saberes cotidianos. O diálogo estabelecido entre ministrante e estudantes revelou que o sentimento de pertencimento ao espaço universitário é despertado quando a juventude é acolhida, ouvida e convidada a participar ativamente da construção do conhecimento.

4.2 Discussão: análise por uma lente teórica-reflexiva

Segundo Ruiz, Santos e Viola (2025, p. 4), de 420 pessoas inscritas; 344 eram estudantes de ensino médio e 62, graduandos e pós-graduandos; representando 82% e 18% de público respectivamente. Com a participação ampla de público externo jovem, mas que pôde se aproximar de universitários da graduação e da pós-graduação, a Escola de Inverno 2025, como extensão, conciliou os princípios da Política Nacional de Extensão (FORPROEX, 2012), com as ações formativas ofertadas, integrando durante o evento ensino, pesquisa e comunidade. A ideia de integração em eventos como este, pode ser expandida ao se considerar a interlocução entre o público juvenil e os universitários. De um lado tem-se jovens em busca de experiências novas (inclusive vocacionais), que os ajude a escolher uma carreira ou pensar seus próximos passos e do outro graduandos e pós-graduandos, de várias faixas etárias, que já escolheram um caminho e que tem variadas experiências para compartilhar.

Ao considerar os jovens como sujeitos de direito e de conhecimento; todas as atividades extensionistas ofertadas no evento, valorizaram sua voz, seus saberes e experiências. Essa premissa transpareceu desde o planejamento à execução do evento; buscando tornar os espaços físicos dedicados à Escola de Inverno 2025, em ambientes sociais legítimos de formação e de pertencimento para o público externo convidado. O acolhimento na visita guiada, nas oficinas, nas mostras, nas rodas de conversa e palestra colaboraram com a ressignificação da percepção dos jovens quanto a universidade e o conhecimento científico; mostrando que o contato direto desperta empatia, curiosidade (inclusive a científica), criticidade e aspirações profissionais.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 31/01/2026 | aceito: 02/02/2026 | publicação: 04/02/2026

Segundo Dayrell (2003), a juventude busca espaços de reconhecimento e de experimentação, nos quais possa se expressar e construir sentido sobre o mundo. Ao se sentir acolhido, o jovem consegue se expressar e o compartilhar ideias, fica mais fluído. Cabe exemplificar um outro tipo de ressignificação que pode ocorrer, no Momento de reflexão coletiva durante a oficina “Criação com IA”. *Como resposta, um dos estudantes comentou espontaneamente que ela mostrou o lado humano por trás da tecnologia.*

Quanto ao impacto formativo e social da Escola de Inverno 2025, além dos relatos qualitativos mencionados em Ruiz, Santos e Viola (2025), durante a oficina “Criando com IA”, houve vários momentos de compartilhamento de equipamentos, de ideias, de soluções, de inclusão; evidenciando o potencial das ações realizadas também como instrumentos de inclusão social e democratização do conhecimento científico. De acordo com Sassaki (2010), a inclusão se efetiva quando os espaços e processos sociais se transformam para acolher as diferenças. Nesse sentido, a extensão universitária se coloca como um campo privilegiado para a construção de práticas inclusivas, pois permite à universidade abrir suas portas e estabelecer vínculos com comunidades historicamente afastadas do ensino superior.

A tecnodiversidade e a ética digital como dimensões emergentes da inclusão contemporânea, proposta por Santaella (2020) e Santos (2018) também se fizeram presentes nas atividades realizadas na oficina “Criando com IA”, que articulou dimensões tecnológicas, éticas e culturais. Ao promover a discussão sobre a temática em um ambiente educativo, a ação contribuiu para ampliar o repertório dos participantes e questionar as desigualdades de acesso e de utilização das tecnologias digitais.

Pela lente reflexiva, o evento como um todo mostrou o papel social da extensão e como ela pode se tornar uma ponte entre saberes e instrumento de democratização do conhecimento e de inclusão social. O acolhimento, a outiva e o convite a participar ativamente, associado ao impacto vocacional do evento, levou muitos dos jovens participantes de comunidades afastadas a se verem como futuros universitários, o que confirma o papel da extensão como instrumento de transformação social.

Considerações Finais

O relato apresentado demonstra que a “Escola de Inverno- Caminhos da Tecnodiversidade: Juventude, Conhecimento e Inclusão na Universidade- Unesp *Experience*: vivências na universidade para jovens”, consolidou-se como uma ação extensionista modelar, ao aproximar estudantes do ensino médio da vida universitária e promover uma vivência educativa marcada pela inclusão, pela diversidade e pelo diálogo.

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 31/01/2026 | aceito: 02/02/2026 | publicação: 04/02/2026

A oficina “Criando com IA: o que ela sabe sobre nós?” evidenciou o potencial das tecnologias digitais como ferramentas de reflexão crítica, experimentação e protagonismo juvenil. A abordagem dialógica e participativa contribuiu para que os estudantes reconhecessem a Inteligência Artificial não apenas como instrumento técnico, mas como fenômeno cultural e ético que exige consciência e responsabilidade.

Os resultados observados, alto engajamento, participação ativa e avaliações positivas, reafirmam a importância da extensão universitária na formação cidadã e científica de jovens, bem como na democratização do acesso à ciência e à universidade pública. O projeto demonstrou que é possível transformar o espaço acadêmico em um território acolhedor, diverso e inspirador, capaz de despertar o sentimento de pertencimento e de estimular vocações.

Além de cumprir seus objetivos formativos, a Escola de Inverno fortaleceu o papel social da FAAC/Unesp e dos Programas de Pós-Graduação envolvidos, evidenciando o impacto da integração entre ensino, pesquisa e extensão. A experiência vivida também aponta para a necessidade de continuidade dessas ações, garantindo que novas edições possam ampliar o alcance e a participação de estudantes de diferentes contextos educacionais.

Assim, concluímos que a articulação entre juventude, universidade e inclusão não se restringe à inserção física de jovens no espaço acadêmico, mas envolve o reconhecimento de suas vozes, saberes e modos de existir. A extensão universitária, nesse sentido, constitui um caminho fundamental para a construção de uma educação transformadora, pautada pela ética, pela tecnodiversidade e pelo compromisso social.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: **Fundação Perseu Abramo**, 2005.

Disponível em: https://sites.uel.br/prograd/wp-content/uploads/gepe/materiais/juventude_sociedade.pdf. Acesso em: 27 jan. 2026.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: **Zahar**, 2012.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social: um novo olhar sobre a juventude. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40–52, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/ZL5z4vZLNgZbpKQCVp7WmgB/?lang=pt>. Acesso em: 27 jan. 2026.



Ano VI, v.1 2026 | **submissão: 31/01/2026** | **aceito: 02/02/2026** | **publicação: 04/02/2026**

FERNANDES, Sueli. **Fundamentos da educação especial**. Curitiba: **InterSaberes**, 2019.

Disponível em: <https://www.editorainterSaberes.com.br/livros/fundamentos-da-educacao-especial> .

Acesso em: Acesso em: 27 jan. 2026.

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Brasília: **MEC/SESu**, 2012. Disponível em: <https://proex.ufes.br/proex/sites/proex.ufes.br/files/field/anexo/politica-nacional-de-extensao-universitaria-2012-ebook.pdf> . Acesso em: 27 jan. 2026.

FORTUNATO, Ivan. O Relato de experiência como método de pesquisa educacional. In: FORTUNATO, Ivan; SHIGUNOV NETO, Alexandre. (ed.). **Método(s) de pesquisa em educação**. São Paulo: **Edições Hipótese**, 2018. p. 38-51. Disponível em: <https://goo.gl/M9frQ4> . Acesso em: 26 jan. de 2026.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1983. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Extensao-ou-Comunicacao-1.pdf> . Acesso em: 27 jan. 2026

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: **Atlas**, 2019.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: **Ubu Editora**, 2023.

MOREIRA, Jaqueline Costa Castilho. OFICINAS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ROMPENDO A VIRTUALIDADE TEÓRICA. **Anais CIET: Horizonte**, São Carlos-SP, v. 1, n. 1, 2024. Disponível em: <https://grupohorizonte.ufscar.br/submissao/index.php/ciet/article/view/1518> .Acesso em: 27 jan. 2026.

OLIVEIRA, Andréia Machado. Pensar as Tecnologias a partir de Gilbert Simondon e Yuk Hui. **Educação & Realidade**, v. 48, p. e120769, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/3pVvVzRgcHDPjgmYwrSY7Zn/?format=html&lang=pt> . Acesso em: 27 jan. 2026.

RUIZ, Angélica Aparecida Parreira Lemos; SANTOS, Célia Maria Retz Godoy; VIOLA, Natalia Martin. Caminhos da Tecnodiversidade: juventude, comunicação e inclusão universitária – relato de experiência da Escola de Inverno FAAC/Unesp 2025. In: BRANCANTE, Manoel (ed.). **Arte e Cultura: Expressões, Narrativas e Performance**. São Paulo: **Repositório- Editora Acadêmica Aluz**, 2025, p. 12-32. Disponível em: <https://ebooks.editoraaluz.com.br/edu/catalog/book/64/chapter/83> . Acesso em: 26 jan. 2026.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Tecnodiversidade e globalização cultural. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/1131228/2/Tecnodiversidade%20-%20Volume%202.pdf> . Acesso em: 27 jan. 2026



Ano VI, v.1 2026 | submissão: 31/01/2026 | aceito: 02/02/2026 | publicação: 04/02/2026

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia plural das mídias**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2020. Disponível em: <https://luciasantaellaoficial.com/downloads> . Acesso em: 27 jan. 2026.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 5. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003. Disponível em: <https://archive.org/details/inclusaoconstrui0000sass> . Acesso em: 27 jan. 2026

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: acessibilidade no cotidiano. Rio de Janeiro: WVA, 2010. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf . Acesso em: 27 jan. 2026

UNESP – Universidade Estadual Paulista. **Relatório Final**: Escola de Inverno FAAC/Unesp 2025 – Caminhos da Tecnodiversidade: Juventude, Conhecimento e Inclusão na Universidade. Bauru: FAAC/Unesp, 2025.